

## O fim do império e o embate monetário do 25 de Abril de 1974

25 de Abril, quinta-feira do ano da graça de 1974. Angola, Distrito da Lunda. 7:30 da manhã a caminho das aulas. Andava no Liceu Adriano Moreira, cuja sede era em Malange. A tranquilidade da rotina fazia com que fosse mais um dia de cor e alegria. As aulas eram de manhã e voltávamos à 16:30. Simbolizava a busca pela sabedoria, sem saber o que de importante era o ensino para o resto da vida. Até aqui tudo normal. Porém, desconhecíamos a forma assustadora e ameaçadora que envolvia aquele território de sonho. Ouvíamos a palavra “turra” e víamos o exército português. Eu, um adolescente de 16 anos, percecionava algo vago e imaturo, próprio de uma redoma, mas, ao mesmo tempo, induzido num certo receio inconsciente e de insegurança. A presença dos Pais, irmãos, colegas e amigos, portugueses e nativos, faziam desviar-me da realidade, então triada e selecionada, de forma a sentir ignorância e valor confortável para honrar um legado de papel, algo que descortinei com o que se ia passando na Metrópole. Sem televisão, restavam a rádio (a “Voz da América” e a “BBC em português”, uma hora por dia à noite), as matinés de cinema aos domingos à tarde, as brincadeiras próprias da infância e adolescência, os desportos, enquanto a piscina nos entretinha no meio do mato remoto e longe da costa. O dinheiro pouco circulava nessa região. Por volta das 12:00 a directora do Liceu avisou que desconhecia se de tarde teríamos aulas. Mas tivemos. A distância longa entre Luanda e Lisboa e os meios de comunicação eram demorados. O barulho começou a comandar. Sexta-feira não houve aulas, por indicação do responsável provincial do “puto”. A debandada para a Europa foi-se fazendo, ficando conhecida como a “ponte aérea” de 1974/75. Depressa se aproximava o final do Império.

A chegada a Portugal deixou-nos lesionados, para quem nasceu, cresceu e estudou no Ultramar. Em cerca de 20 horas, entre viagens de autocarro e de avião, chegamos ao desconhecido. Desde 1961, as poucas férias que passávamos no território dono do império, eram raras e breves. Portugal era um terreno praticamente ignorado até então. Desde logo, devido à incisão no uso dos escudos emitidos pelo Banco de Angola e os escudos emitidos pelo Banco de Portugal. Mudamos de moeda oficial. Nem era uma questão de efeitos de alterações em taxas de câmbio. Operava uma moeda diferente e constantemente necessária no quotidiano. Tudo se pagava. Foi uma rutura de exigências fetichistas. O planeta não era o mesmo. A realidade, em si, modifica-se. Estava criado um *trade-off*. Espalhados pelo País inteiro, tornamo-nos em desconhecidos durante décadas, salvo esporádicos nichos de amigos e encontros ocasionais. Os comportamentos financeiros transformaram-se. Para além de livros de filosofia (e.g., Voltaire, Thomas Man, Orwell), cuja leitura me foi induzida por um professor exímio na matéria, levou-me até à teoria do valor e a tentar compreender a função do dinheiro no meio do que era mercantil. Senti se imediato que a moeda tinha de ser aceite por todos. Caso contrário, como poderia haver trocas? Para mim, não foi muito difícil reconhecer que a transformação de um modo de viver coloca a moeda ao serviço do Homem. O País atravessou um momento grave, porventura, civilizacional. Concentrar-me na teoria do valor foi fundamental pela sua complexidade e pela sua exigência de pensamento filosófico. Rapidamente fui percebendo que se tratava de um imperativo. Passados cinquenta anos, a reflexão sobre a teoria do valor e da moeda subsistem. São cogitações que ainda permanecem devido ao comportamento da Homem face à sua sobrevivência social. Gerir a moeda tornou-se para mim, à época, que tinha tudo a ver com o dinheiro, com os preços com os juros, aquilo que se chama de política monetária. A política monetária está em todo o lado e apropriada à Lei de Murphy. A política monetária é o pilar social da economia, ao controlar a circulação da moeda. Os seus efeitos estendem-se ao desemprego, ao endividamento e à poupança.

Compreendi que a moeda é um instrumento do desenvolvimento económico e social. Ter vivido por dentro a turbulência de uma Revolução que quebrou um Império, segui o rumo da Economia. Todavia, fica a melancolia, que é uma mistura de tristeza e alegria. As lembranças desse momento não se apagarão. A propensão de relativa confiança que a moeda transmite é ímpar. O resto é quase fútil.

*António Duarte Santos*

(Cédula Profissional nº 16332 – DRN)